

5 Conclusão

Ao fim deste percurso, antes mesmo de nos perguntarmos pela contribuição específica que análise de *Caim* prestou aos estudos da teologia, reconhece-se a dignidade que a literatura carrega consigo enquanto intérprete da existência humana. Assim, concluímos que teologia e literatura em um determinado momento histórico eram quase que inseparáveis, mas que esta relação se degradou e atingiu o seu distanciamento máximo com advento dos ideais modernos. Esses ideais, entretanto, ao mesmo tempo em que provocaram uma cisão entre esses saberes, representaram um forte golpe no pensamento metafísico, obrigando a teologia a repensar os seus métodos.

Por isso, diante das exigências intelectuais desse novo tempo, enfatizamos que a teologia deve se valer de outras linguagens para a análise das expressões religiosas. Desse modo, percebemos que atualmente há um esforço para aproximar teologia e literatura que outrora estavam polarizados em suas próprias características e linguagens. Esforço esse que deflagrou uma profusão de trabalhos que gravitam em torno do tema.

Considerando tudo isso, vislumbramos um vasto campo de pesquisa. Afinal, essa redescoberta da relação dos temas teológicos com a literatura fez com que muitos teólogos construíssem metodologias próprias para dar conta da aproximação entre elas. Com isso, verificamos também que é necessário fugir da armadilha de se ver na literatura um pretexto para abordagem de temas teológicos. Mas, que é necessário perguntarmo-nos pela contribuição específica que a literatura pode dar a teologia. Assim, constatamos possível e desafiador o empreendimento dialógico entre esses dois saberes.

Neste caso específico foi escolhido um escritor de pena arguta, a saber: José Saramago. Sua seleção se justifica por sua grandeza como escritor e pelo alcance universal de sua literatura. No entanto, com isso, se nos impôs uma dificuldade. Afinal, como seria possível dialogar com um autor ateu? Contudo, com a ajuda de Queiruga chegamos à conclusão de que cristianismo e ateísmo podem se relacionar. Aliás, para tanto, é necessário romper com o preconceito que ronda à mente quando se pensa em aproximar o pensamento dos que creem do pensamento dos que negam a existência de Deus. Percebemos assim, que só no

processo de acolhimento das críticas pode-se caminhar na direção de uma melhor compreensão acerca de Deus.

Desse modo, para captar de maneira mais completa toda a densidade da literatura saramaguiana, sem cair num biografismo exaustivo, apontamos aspectos iluminadores da vida e da composição do *corpus* literário do escritor lusófono. Dessa maneira, verificamos que Saramago fez das vozes de seus personagens e narradores também a sua. Além disso, ressaltamos que ele além de ser um grande escritor é também um grande reescritor, no sentido de que subverte histórias já contadas anteriormente. Em diversos de seus textos Saramago lança mão da intertextualidade. Contudo, embora sua vasta bagagem de leitura o proporcione a possibilidade de flertar com um grande número de textos, o escritor parece ter privilegiado o diálogo com a Bíblia. Todavia, ao assumi-la na composição de suas tramas subverte-a e dessacraliza-a através da carnavalização.

Assim, uma questão importante ergueu-se, a saber: por que um autor confessadamente ateu possui tantas obras que se estruturam em torno de temas religiosos? Ao procurar responde-la, chegamos à conclusão de que mesmo negando a existência de Deus, o escritor português possui uma espécie de paixão pelas questões concernentes à religião. Afinal, ele embora não acredite em Deus não consegue negar que a religião cristã, no seu caso, lhe sirva de pano de fundo cultural. Nas suas próprias palavras: “Eu não posso dizer em consciência que sou ateu, ninguém pode dizer, porque o ateu autêntico seria alguém que viveria numa sociedade onde nunca teria existido uma idéia de Deus.”¹

Porém, o escritor que deixa jorrar de sua pena essa paixão por questões religiosas não a faz de maneira apaziguada e tranquila. Ou seja, ao assumir que embora Deus nunca tenha sido um pressuposto para ele, mas que foi um fator preponderante na formação da mentalidade ocidental, questiona as imagens desse Deus cristalizadas pelo pensamento cristão ao longo de muitos séculos. Para atingir seu objetivo de mostrar que Deus cerceia e impede o crescimento e autonomia humana pinta-o através de suas narrativas com um rosto cruel.

A partir dessas constatações afunilamos a discussão para o romance *Caim*. Nesse romance percebemos que o escritor lusófono continua seu projeto de intertextualidade e carnavalização. Nesta obra, ele utiliza textos do Primeiro

¹ SARAMAGO, J. In: AGUILERA, F. (org). *As palavras de Saramago*. p. 125.

Testamento e subverte-os. Traça um novo itinerário para o personagem que dá nome ao romance. Nesse sentido, concluímos que Saramago elabora, inspirado por seu ateísmo, uma reescritura nada sagrada.

Nessa reescritura nada sagrada, também verificamos que o escritor continua aquilo que denominamos de seu labor a-teológico ou teologia às avessas. Afinal, o perfil do Ser divino saramaguiano é de um Deus violento atroz, punitivo e vingativo. Deus esse que também desejamos abandonar. Por isso, ao acolher a crítica presente em *Caim* e a contribuição de alguns teólogos chegamos à conclusão de que é possível propor uma reconversão desta imagem do Deus distante, dominador, potente e guerreiro, para a de um Deus compassivo e vulnerável. Ou seja, concluímos que a partir do diálogo com a obra sarmaguiana ficam evidentes as falhas no estereótipo religioso de um Deus justiceiro e violento. Desta maneira, a pena de Saramago, no diálogo com a teologia tornou-se ferramenta iconoclasta que auxiliou na derrubada de imagens equivocadas de Deus.

Ao terminar essa pesquisa percebemos a fertilidade do pensamento de José Saramago, a ponto de vislumbrar ainda a possibilidade de expandir o diálogo entre a teologia e sua literatura levando em conta outras obras de seu *corpus* literário que encontram correspondência no campo teológico. Nesse sentido, esperamos ser essa pesquisa, além de um passo preliminar na direção do caminho da profícua relação com os textos sarmaguianos, um convite traduzido na beleza das palavras de David Turolto:

Irão ateu, nobremente empenhado na busca de um Deus que eu não sei te dar, atravessemos juntos o deserto! De deserto em deserto, andemos para além das florestas das diferentes fés, livres e nus rumo ao Ser nu. Ali onde a palavra morre, encontrará nosso caminho seu fim.²

² TUROLDO, D. apud BOFF, L. In: Id. *Experimentar Deus. A transparência de todas as coisas*. p. 16.